

COM UM REAL DE PRATA ENTERRADO A PESSOA PERDE ASALVAÇÃO: O ASSOMBROSO MUNDO DAS BOTIJAS NA CULTURA DE SALGADINHO-PB

Ivo Fernandes de Sousa¹

RESUMO

O presente artigo, tem como objetivo principal analisar a crença dos moradores de Salgadinho-PB em botijas para a construção de nossa pesquisa vamos nos direcionar pela História Cultural nos valendo de alguns conceitos como o de prática, pois esse assunto faz parte prática dos moradores; de representações, pois vamos recorrer ao passado vivido; o de cotidiano, pois foi no dia a dia do povo que os fatos aconteceram; e de memória, pois vamos recorrer às lembranças do povo, já que as experiências aqui narradas não aparecem nos arquivos oficiais, pois fazem parte da crença da população camponesa, esses relatos foram colhidos com alguns dos moradores locais por meio de gravação feitas com pessoas que vivenciaram esse momento de contato com o sobrenatural mundo da crença em botijas, ou ouviram falar do que foi vivenciado por outras pessoas na comunidade, já que o ato de desenterrar uma botija era algo que causava espanto na comunidade local, sendo assim, esse artigo percorre o cotidiano do povo sertanejo, de suas crenças, de seus medos, do assombroso, do sobrenatural, e trazem suas linhas a gana por parte dessas pessoas de mudar de vida, pois acreditava que ao receber uma botija e ir desenterrar a pessoa enfrentavam o próprio Diabo, pois via nesse ato a possibilidade de mudança de vida. Desejamos que assim como uma botija quando vem à tona que essa pesquisa seja uma experiência enriquecedora para cada um que faça sua leitura.

Palavras-chaves: Botijas, assombroso e cultura.

ABSTRACT

The present article has as main objective to analyze the belief of the residents of Salgadinho-PB in cylinders for the construction of our research. of representations, because we are going to resort to the lived past; the everyday, because it was in the people's daily lives that the facts happened; and memory, as we are going to resort to the memories of the people, since the experiences narrated here do not appear in the official archives, as they are part of the belief of the peasant population, these reports were collected from some of the local residents through recordings made with people who experienced this moment of contact with the supernatural world of belief in cruses, or heard about what was experienced by other people in the community, since the act of digging up a cruse was something that caused astonishment in the local community, therefore, this article covers the everyday life of the sertanejo people, their beliefs, their fears, the astonishing, the supernatural,

1 UFPG, historivo@hotmail.com



and brings in its lines the desire on the part of these people to change their lives, because they believed that by receiving a cruse and going to dig up the person they faced the Devil himself, because he saw in that act the possibility of changing his life. We hope that, like a cruse when it comes to light, that this research will be an enriching experience for everyone who reads it.

Keywords: Botijas, amazing and culture.

TESOUROS DA MEMÓRIA:

COMO NASCEU ESSA PESQUISA, CONCEITOS E METODOLOGIA

Essa pesquisa nasceu de uma experiência pessoal nossa, quando criança sempre ouvíamos histórias de assombro, algumas inventadas com o objetivo de assustar a criança, mas outras nos eram narradas com tamanha profundidade de detalhes que parecia até verdade, de forma que o mundo espiritual e o material se fundiam de uma maneira que parecia que a qualquer momento poderíamos nos deparar com a comadre Florzinha ao entrar na mata, nosso medo era tão intenso que corríamos de medo ao ver um senhor estranho se aproximar pensando ser esse um doido, velho do saco ou o papa-fígado, personagens conhecidos por sequestrarem crianças nos relatos dos moradores locais.

Ainda percorrendo esse mundo assombroso da infância podemos mencionar outras crenças que faziam parte do cotidiano como o medo do fim do mundo, as histórias de aparições de mal assombrosos permeavam o mundo mágico da mentalidade do povo sertanejo, a crença nas fogueiras e seu poder mágico de afastar o mal, para acrescentar a esse mundo mágico do Sertão, podemos citar alguns dos agentes culturais que se moviam no terreno fértil da cultura popular como as rezadeiras, as parteiras e os profetas do sertão, mulheres e homens que pareciam ser a ponte entre o mundo material e o espiritual na comunidade, ocupando um lugar de destaque de forma que seus ensinamentos e recomendações eram seguidos à risca pelas pessoas que buscavam os saberes dessas pessoas. Sendo assim essa pesquisa nos traz à tona todo um tecido memorial da infância que em um momento foi vivida e que hoje vai ser lembrada por meio de nossa escrita.

A esse mundo mágico do Sertão podemos citar a crença que é abordada em nossa pesquisa, as botijas, quando criança sempre ouvia nos relatos dos adultos, as memórias sobre botijas, era incrível como em nossa memória de menino ficava esse sentimento de mudar de vida por meio do recebimento de uma botija, mas ao mesmo tempo vinha o sentimento de medo por ter que enfrentar todo mundo assombroso que era narrado por meio da aventura daqueles que um dia se aventuraram ao desenterrar uma botija.

Para direcionar nossa pesquisa um dos conceitos-chaves para o entendimento é o de memória, pois as experiências narradas aqui fazem parte de um passado que foi vivenciado e que no momento da pesquisa será lembrado e narrado, outro conceito base para nosso texto é o de cotidiano, pois tudo que foi narrado aqui faz parte do dia a dia do povo sertanejo de sua mentalidade e de suas crenças, onde não há separação



entre mundo natural e o assombroso mundo sobrenatural. Metodologicamente falando, recorreremos aos relatos orais para a construção de nossa pesquisa, pois sabemos que essa metodologia é essencial para essa abordagem, pois o narrado aqui não aparece nos arquivos oficiais, o povo sertanejo por não dominar a escrita não deixa muitos relatos de sua experiência em livros ou diários, de forma que os relatos orais são a principal metodologia para o registro da contribuição desse povo para a construção da identidade histórica da comunidade.

No que diz respeito a produção histórica que aborda o tema das botijas para fortalecer nossa pesquisa usaremos três textos que encontramos sobre o assunto, o primeiro: *História de botijas e oslabirintos do universo assombroso na Paraíba* (CIPRIANO; 2010), essa produção situada em todo contexto do Estado da Paraíba, Socorro percorre em sua escrita o tema das botijas pelo viés da História Cultural mostrando o tema das botijas e seu fantástico mundo das crenças populares que se desenvolveram no interior do Sertão, de forma que esse texto é essencial para qualquer pesquisador sobre o tema das botijas. O segundo se trata da produção *Libertação ou assombração: as botijas de "Dananinha" em Várzea da Ema-PB (2010-2014)*, (DIAS;2019), embora a produção mencionada aqui esteja situada no contexto de Várzea, a autora aqui faz uma abordagem sobre um caso específico de botija que segundo relato foi dado para ser desenterrada e quando isso aconteceu chamou a atenção da população da comunidade por conta das narrativas sobre botijas que já faziam parte do cotidiano dos moradores, e por último temos o texto de título: *A botija da Serra da Rajada: entre amemória e a história* (MACEDO, LOPES; 2013), um artigo produzido no contexto do Rio Grande do Norte, nessa produção os autores trazem uma discussão sobre a relação entre memória e história das botijas ligadas à Serra da Rajada. De forma que são esses textos que serão um norte para nossa pesquisa, pois mostra como o tema das botijas foram abordados em diferentes épocas por autores que ousaram lançar seu olhar sobre esse maravilhoso mundo mágico do assombroso universo das botijas, de forma que essa pesquisa vem se juntar a essas para trazer também nossa contribuição assombrosa para a história das botijas, sendo essa ambientada no município de Salgadinho-PB.

O ASSOMBRO DAS BOTIJAS

Para entendermos o mundo das botijas devemos salientar que essa crença está situada dentro da mentalidade popular e tem pontos em comum entre as narrativas que nos chama muito a atenção, pois demonstra como esse aspecto da cultura foi apropriado e passado adiante, através das narrativas da população, mas também vai ter diferenças entre elas, pois as botijas foram um mundo plural, assim como a cultura do povo. Para delimitar na mente do nosso leitor vamos analisar alguns conceitos de botija:

Botija. Tesouro enterrado, revelado através de sonhos pelos mortos. A botija é enterrada por ricos aventos da cultura do açúcar; tesouro escondido em terras



coloniais pelos holandeses do período da invasão; riqueza deixada pelos jesuítas que “saíram às pressas”; tesouro escondido pelos cangaceiros ou mesmo por pessoas comuns que tentavam proteger-se de salteadores. Estas são diferentes versões elaboradas historicamente através de relatos dos mais velhos, de fontes oficiais e da literatura, mas que ao mesmo tempo são perpassadas por uma definição mais geral: a botija como um tesouro guardado por almas de outro mundo, um tesouro encantado. História, otijas, que premia o merecedor e que não cessa de produzir sentidos na história presente. (CIPRIANO;2010;p.127).

A definição de Cipriano é muito abrangente, pois sua pesquisa se depara com os muitos tipos de botijas por está situada em todo território da Paraíba, mas para o contexto social de nossa pesquisa vai nos interessar a definição mais geral da pesquisadora sobre as botijas, pois essa foi mais presente nos relatos que conseguimos colher em nossa pesquisa. Outra definição sobre botijas nos diz que:

botija é denominada como: tesouro enterrado em potes ou caixas que, se encanta com a morte do seu dono. Uma pessoa de posses com medo de assaltos, ou por não ter em bancos nas localidades, ou até mesmo por receio do bando de Lampião, escondiam seus pertences de valor dentro de caixas de madeira, painéis de barro ou algum outro objeto que pudesse ser guardado com facilidade com o passar do tempo, essas pessoas acabavam esquecendo-se do que tinham guardado ou dos locais onde estavam seus objetos, que em quase sua maioria eram de ouro ou prata: garfos, cordões, moedas, broches, brincos, e etc. Com a morte dessa pessoa, sua alma iria para o purgatório, e dependendo de seus pecados cometidos aqui na terra, para se libertar e conseguir a salvação, seria necessário dar esse “tesouro” para uma pessoa merecedora, muitas vezes através de sonhos ou aparições, e esse teria como missão desenterrar esse tesouro e libertar aa lma.(MARTINS;2019,p.13)

Kaylanne Martins analisa a questão das botijas no contexto de Várzea das Emas-PB, percebemos que traz uma definição quem tem em comum com os relatos que conseguimos adquirir em Salgadinho-PB, mas atentamos para uma frase sua, quando a autora se refere a ausência de bancos como um fator motivador para o enterramento de pertences das pessoas, dando inicio com isso as botijas, discordamos dela nesse ponto, pois mesmo cidades que tinham bancos temos casos de botijas, isso porque no inicio essas instituições foram vistas com desconfiança e isso ficou pior depois que Collor confiscou dinheiro da poupança das pessoas na década de 1990, sendo assim com isso as pessoas preferiam ter seus pertences valiosos perto de si.

Já os pesquisadores Helder Alexandre e Thiago Stevenny, em pesquisa sobre botijas na Serra da Rajada-RN, nos traz uma definição também parecida, mas acrescentando algo valiosos para nossa pesquisa, quando menciona que:

As botijas são tesouros em forma de moedas (de ouro e prata) ou de joias que foram enterradas em lugares secretos por determinadas pessoas em eras passadas. Essas pessoas, após a morte, acabam tornando-se almas penadas e não conseguem encontrar o caminho da salvação devido terem abraçado dos valores da ganância e da ambição em vida, valores que explicam o fato dos objetos terem sido escondidos nas profundezas da terra e não terem sido revelados às pessoas do seu convívio. (MACEDO; LOPES; p. 21, 2012).



A definição dos pesquisadores acima nos será muito útil nessa pesquisa, pois traz essa união entre o mundo material e espiritual, mostrando que os enterradores de botijas se tornaram espíritos vagantes procurando salvação para sua alma por meio do desenterramento da botija que no passado foi escondida. Aqui percebemos o paralelismo no tema das botijas, para o morto ela era motivo de perder a salvação de sua alma; para quem recebia era motivo de riqueza.

No contexto de nossa pesquisa nos relatos dos moradores locais pedimos para definir em o que seria uma botija a senhora Esmeraldina de Sousa nos diz que:

A botija de ouro quando tinha valor, era quando tinha relógio, quando tinha relógio de parede de ouro, quando tinha as coisas porque o dinheiro se vence. *Bota* as pedras esmeraldas em uma panela ou *num* pote, como já te disse e enterra, porque em lata ferrugem acaba, aí às vezes eles enterravam bem rasiinho, às vezes *butava* na cumieira da casa numa linha, quando era pouco ouro, lá em casa mesmo tem uma, lá em casa tem uma botija, eu sei qual é o *canto* mas eu não vou atrás não. Dinheiro não se enterra deixa em cima da terra porque com um real de prata enterrado a pessoa perde a salvação, só se salva se outra pessoa desenterrar.

Aqui percebemos um dos aspectos da cultura popular no quesito espiritualidade, ao posição entre avareza e generosidade, quando a senhora forma em seu depoimento que um real pode ser motivo para se perder a salvação, dentro da crença isso é comum, pois é como se a pessoa partisse, mas ainda mantinha um elo com o mundo material por meio do que foi deixado, embora essa pesquisa analise a questão das botijas, há também relatos de moradores locais que falecerem deixando dívida e depois de um tempo apareceram pedido a parentes para pagarem sua dívida para completar sua jornada espiritual, assim como essas dívidas as botijas pelo mortos é visto como um problema para sua salvação, isso explica o fato dele vagar procurando quem tenha coragem para desenterrar.

Já o senhor José Possidônio nos dar mais detalhes do que seja uma botija:

Uma botija é no tempo que o pessoal não tinha banco para guardar seu dinheiro né, que tinha medo do pessoal, dos cangaceiros carregar a sua riqueza né, e iam e enterravam, aquilo ouro ou prata depois que se enterra quem nem se falam os antigos passou da curva do braço se encanta, aí se torna um tesouro encantado, uma botija podemos dizer assim se trata de um tesouro encantado tá entendendo? A botija é um tesouro encantado deixa do por nossos antepassados mais velhos que possuíam riqueza e não tinha onde guardar.

Atentemos no depoimento dele para os detalhes que nos chama a atenção, primeiro que ele mostra que a botija surge como uma tática do povo camponês de proteger seus pertences de roubo, citando o caso dos ataques de cangaceiros, que a qualquer momento podia invadir a casa do pessoal e levar suas riquezas, de forma que a prática de esconder esses pertences era uma forma de guardar seus pertences evitando o roubo. Outro detalhe que nos chama atenção é o que fica explícito na fala dele que segundo os mais antigos, os pertences enterrados para se tornar uma botija encantada tinha uma fundura definida, passando da curva do



braço, ou seja o cotovelo, de forma que esses aspectos sobre o mundo encantado das botijas não achamos em nenhuma pesquisa sobre esse tema das que já lemos. Assim essa pesquisadora fez muitas que já foram feitas sobre o tema para acrescentar a esses também.

OURO DO ALÉM: VISÃO OU SONHO, RECEBENDO UMA BOTIJA

Além das leituras e feitas para a construção de nossa pesquisa e também nos depoimentos dos entrevistados aqui percebemos que o primeiro contato com o tema das botijas por meio de relatos se deu por meio de sonho ou visão, pois na mentalidade religiosa essas são as duas formas dos seres espirituais se comunicarem com os seres materiais, sobre esse aspecto do mundo da botija temos o relato de Rosiléia Marques que conta como foi que ela recebeu uma botija em sonho pela primeira vez:

A primeira eu sonhei com uma mulher bem serena, pela descrição e pelo que pai diz ela é avó de tio Inácio Félix, um familiar distante, não conhecia ela morreu muito antes de eu nascer, uma mulher bem serena assim, do cabelo branco amarrado para trás, chegou conversando comigo e me disse que lá na casa de Socorro de Helena onde tem uma árvore bem grande, nessa época eu era pequena porque eu era criança uns nove anos por aí. Que debaixo daquela árvore tinha uma botija que ela tinha deixado e que ela tinha escolhido para me dar, aí ela fazia veja: ela cavou mais ou menos um meio metro de profundidade e chegou na bolsinha marronzinha amarrada na boca, aí eu acordei, não levei a sério.

O curioso nessa narrativa de sonho além do próprio tema dele, foi o fato da narradora não conhecer a pessoas que lhe entregou a botija, mas que ao descrever as características para seu pai, acabou sabendo que se tratava de alguém de sua família que nem cegou a conhecer ela, não queremos debater crença em nosso texto, mas ao pesquisar sobre esses temas temos sempre esses relatos que marcam o pesquisador deixando sua pesquisa como algo único em sua experiência profissional e espiritual.

Outra experiência de moradora local que recebeu uma botija por meio de sonho foi a senhora dona Margarida Alves, sobre o ocorrido ela narra assim:

Eu mesmo uma vez eu sonhei que achava uma botija, era lá no Bonfim dos Jobs, aí eu tive um sonho assim: era uma senhorinha de roupa branca, aí ela ia comigo, ela ia comigo no sonho, agora assim como que eu tivesse acordada vendo tudo. Ai ela de roupinha branca, ai ela segurando minha mão, eu me arrepio todinha (mostrando o braço arrepinado) ai ela segurando na minha mão, eu no caminho certo mas ela sempre por dentro das *maivas*, aquelas *maivas* batiam na roupinha dela chega dava aquele escorrega assim (fazendo movimento com as mãos), ai quando eu cheguei lá isso foram três vezes, três vezes a pessoa tem que sonhar três vezes, ai eu *num* fui, ai quando foi um dia assim eu achei que não tinha coragem, ai a pessoa dizia para mim o sinal que está lá é dois tijolos *ladriados*, tijolo *ladriado* é por exemplo, lá na gente tinha uma sala todinha é tipo um tijolo, mas um tijolo bem feito que parece tipo um cimento, entendeu, ai o sinal era lá debaixo do tijolo



ladriado uma faquinha de mesa e um garfo, ai eu tive medo de ir deixei de sonhar.

Na narrativa de dona Margarida fica explicito essa visão do sonho visão na religiosidade, pois destaca em sua fala que era como se tivesse acordada vendo tudo, aqui percebemos também uma das características do assombro das botijas, o fato de que apessoas que recebeu a botija tem que está atento aos sinais que foram dados no sonho para que por meio desses sinais possa desenterrar a botija, se esses sinais não fossem seguidos de forma correta por meio do recebente a botija se perdia. Outro fato nesse depoimento, foi o fato que ela assegura que a pessoa só recebe a botija depois de sonhar três vezes seguidas com ela. Esse aspecto foi narrado por José Possidônio em uma fala onde ele conta a perda de uma botija por um sonhador da comunidade do Bonfim:

Pêdão sonhou com ele mostrando onde era a botija ele dizia: Pêdo a botija é aqui nesse pé de algodão é para você e outra pessoa, mas Pêdo não tinha experiência nesse negócio de botija se apressou e contou ao sogro dele, Luiz Martins que era filho do meu avô, aí quando ele contou Aluizio disse: mas Pêdo não era pra você ter feito isso, era pra esperar sonhar três noites seguidas, que era para depois você ir arrancar a botija, pronto, aí Pêdo perdeu né, a botija né, perdeu a prata e o ouro até hoje essa botija não foi.

Aqui o fato do sonhador não ter experiencia no assunto das botijas fez com que ele se adiantasse contando sobre o sonho para outra pessoa, na crença sobre botijas o sigilo de quem recebe a botija é algo essencial para que o processo de desenterramento seja concretizado com sucesso, muitas vezes contar que sonhou com botija era uma forma de livrar da assombração que perseguia pessoa nos sonhos, como conta Rosiléia: E na terceira vez quando ela veio e me deu, porque dizem que eles dão três vezes, ela me pediu tire, eu quero que você tire, tire sem Socorro nem Batista ver tudo mais, olhe é nesse canto, você vai tirar cavou no mesmo canto aí tava lá bolsinha marronzinha. Dizem que quando a gente conta vira carvão né, eu desesperada porque essa mulher já tinha vindo três vezes me dar esse negócio toda vez que eu tava dormindo, sai contando a todo mundo, não quiz mais nem saber, aí pronto fui contar para pai pela descrição que eu dei dela, pai disse que era um dos familiares dele que seria a avó, ou a mãe de tio Inácio Félix uma pessoa muito antiga.

Nesse depoimento foi forte o sentimento de se sentir perseguida por uma assombração, a única forma de se ver livre que a nossa depoente foi sair contando seu sonho sobre botija já que ela não tinha coragem de desenterrar.

DESENTERRANDO UMA BOTIJA, ENFRENTANDO O DIABO



Se o receber a botija em sonho por meio de uma pessoa já falecida era algo tenso, imagina ter que desenterrar ela, esse segundo a crença era o momento mais tenso, porque se acreditava que o recebente teria que enfrentar as forças do mal para libertar a alma que vagava procurando salvação, de forma que o próprio diabo e suas forças infernais se tornavam inimigos dos recebentes de botija, fato esse que fazia com que alguns recebentes não fossem em busca da botija, no depoimento já mencionado Rosiléia para se ver livre dos sonhos chegou a contar para outras pessoas, de forma que não foi mais perturbada.

Mas uma pergunta surge, e se alguém recebesse a botija como era feito o desencantamento desse fato, mesmo entre nossos entrevistados não tendo alguém que desenterrou uma botija, por meio da narrativa de alguns deles de outros fatos ocorridos na comunidade podemos ter uma ideia de como se dava o ritual de desencantamento de uma botija. Para desenterrar uma botija dona Margarida diz que “Uma pessoa vem e dar uma botija para mim e para você, você tem que ir com o seu coração limpo, se você for com aquele entusiasmo de mais, do que a minha pessoa aquilo ali vai se transformar em carvão, *maribone* entendeu”. Percebemos aqui que a pessoa que recebe uma botija para desenterrar ela tem uma característica em oposição a pessoa que a enterrou, fato salientado no depoimento a cima quando diz que para desenterrar tem que ir de coração limpo, ou seja sem a ganancia que a pessoa que enterrou no passado, ela continua seu depoimento nos contado de um caso onde deu errado o desencantamento de uma botija por parte de sua filha deu errado:

A botija existe sim, mas é uma coisa muito séria, logo assim que eu cheguei aqui, eu fui lá na rua e quando eu cheguei não tinha essa parte aqui não essas coisas era tudo aqui sabe (apontando para calcada da casa) bem aqui na porta, aí tinha tipo um batente, aí minha menina Nena, la sonhou também três dias com botija, ela *tava* cavando, aí eu muito curiosa, eu cheguei e perguntei porque quando tem essas coisas você tem que se concentrar ali, você não pode olhar para nada, nem pra lá nem pra cá, desviar em momento nenhum, você vai focar no que *tá* acontecendo ali, aí se for para você sozinho você vai encontrar. Ai eu curiosa o que é menina que você *tá* cavando, aí ela disse: oh mãe foi um sonho que eu sonhei que tinha uma botija aqui, aí eu parei o assunto eu atrapalhei né, porque são essas coisas antigamente existia muito isso agora não existe mais não né?

Note que no depoimento ao ser interrompida pela mãe a filha perde a botija, deforma que nesse depoimento podemos perceber como a botija se torna algo fácil de se perder, pois só ao tirar o foco dela para responder uma pergunta a mulher aqui perdeu ela.

Ainda em se tratando de desencantamento de botija para desenterrar uma botija dona Esmeraldina nos conta que “A pessoa não diz a ninguém se disser não voga, a pessoa vai lá leva umas velas beta, uma caixa de fosco bento para não ver malassombro, acende as velas, aí começa se não for prevenido ver mal assombro, mas se o prevenido não ver não”. Notemos aqui a presença de símbolos sagrados que seriam armas na luta contra aassombração da botija. Continua seu depoimento citando um caso de desencantamento de botija que deu errado quando diz que:



Aí não tem quem durma, aí tem uma botija, e é mal assombrado, depois eu vou fazer o fogo e dormir aqui no juazeiro para eu arrancar essa botija e ficar rico, aí ele viu o mal assombro, aí disse eu vou arrancar essa botija. Doraluz vamos arrancar aquela botija para nós ficar rico? Aí levaram as ferramentas, aí foram arrancar a botija, aí quando arrancaram a botija colocaram assim só era besouro mangangá pra morder eles tudim, aí eles começaram a cavar a botija, aí quando descobriram disseram, eita agora nós tem dinheiro para pagar rapariga, pra dançar, pra estar e pra ir para cabaré, aí disseram isso, eu vou lhe ensinar que ninguém pode dizer nome, aí quando arrancaram era tanto besouro em cima deles, aí saíram na carreira deixaram, desenterraram ainda quando saíram era tanto besouro tanto mangangá que não aguentaram encheram na carreira, aí disseram mas rapaz, isso é uma botija da maldição.

Essa narrativa foi profunda em nossa pesquisa por conta dos detalhes que traz em seu corpo sobre as botijas, percebemos que a ganancia aqui foi um fator determinante para a pessoa perder seu ouro desejado e receber nada além de picadas de um animal. De acordo com a crença sobre botijas a pessoa que recebia não podia ser avarento como quem enterrou, já que foi esse sentimento que o colocou no estado de espírito vagante, de forma que para desenterrar uma botija como salientou dona Margarida tinha que ter coração limpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As botijas fazem parte do mundo assombroso e plural da cultura do povosertanejo, que por ser rebelde a um sistema oficial, traça seu próprio caminho, recusando com isso o esquema pre determinado das instituições do Estado, por isso para compreender esse mundo do espanto devemos analisar como essas botijas foram apropriadas e representadas pela cultura do povo local.

Infelizmente nenhum de nossos entrevistados chegaram a desenterrar uma botija, fato que deixa uma lacuna em nossa pesquisa, ficamos curiosos para saber mais detalhes do ritual de desencantamento de uma botija, de como seria a vida das pessoas depois de desenterrar uma botija, mas como toda pesquisa a preencher uma lacuna expõe outra, deixamos essa lacuna para que outros pesquisadores possam se debruçar sobre esse assunto.

Pela nossa análise percebemos que para o morto a botija era um motivo de tormento que fazia com que esse vagasse até encontrar alguém com determinação para desenterrar o tesouro e libertar sua alma, para os sonhadores de botijas de olho em sua riqueza viam nela a possibilidade de mudar de vida, para os colecionadores de moedas viam no desenterrar de uma botija a possibilidade de expandir seu acervo, já para nós aqui vimos nas botijas a possibilidade de transformar em história por meio de nossa escrita.



REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (Org.), **Usos e Abusos da História Oral**. 8ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CERTEAU, Michel de: **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Trad. Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de: **A Cultura no Plural**. Trad. Enid Abreu. 7ª Ed. Campinas, SP, 2012.
- CIPRIANO, Mariado Socorro: **História de Botijas e os Labirintos do Universo do Assombroso na Paraíba**. (Tese de doutorado), UFPE, Recife, 2010.
- DIAS, Kaylanne Martins: **Libertação ou Assombração: as botijas de “Dananinha” em Várzea da Ema-PB**. (monografia), UFCG, Cajazeiras, 2019.
- HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2003.
- MACEDO, Helder Alexandre M. de; LOPES, Thiago Stevenny: A botija na Serra da Rajada: entre a memória e a história. **Revista Inter-Legere**, [S;l], n.10, 2013.

FONTES ORAIS:

- NÓBREGA, Esmeraldina de Souza: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- MAIA, José Possidônio do: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- OLIVEIRA, Margarida Alves de: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.
- SILVA, Rosiléia Marques da: ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.